

LEITURA E A BIBLIOTECA: UM MÉTODO E UM ESPAÇO PARA FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR CRÍTICO

Charlete Carvalho Santos¹

Resumo: As bibliotecas comunitárias são espaços de leitura e resistência cultural que lutam por direitos que ao longo da história lhe foi tirado, é uma luta e compromisso com políticas no campo do livro, da leitura e da literatura. As bibliotecas são agentes para uma formação crítica e ativa que organizam suas práticas de identidades, mobilizam e formam leitores. No projeto de pesquisa buscarei investigar se a Escola da comunidade do Paiaíá possui algum projeto que incentive os alunos a leitura e a frequentarem a Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado. Por meio de Pesquisa de Campo será possível conhecer a existência de projetos que são disponibilizados com objetivo de integrar os alunos aos livros. Porém, neste artigo tratarei apenas questões teóricas que trarão sustentação para desenvolver a pesquisa. Os aportes teóricos utilizados foram: Costa (2017); Cruz (2012); Freire (2003); Machado (2016); Martins (1982); Prado (2016); Solé (1998); Travancas (2016) e Valle (2012?). Espera-se como resultados a serem alcançados constatar quais projetos de leitura a escola da comunidade desenvolve e qual o diálogo desses projetos com a biblioteca. Além disso, evidenciar os resultados que esses projetos propuseram para os estudantes da comunidade, no que tange ao desenvolvimento, prática de leitura e a frequência à biblioteca do Paiaíá.

Palavras-chave: Biblioteca do Paiaíá. Escola. Futuro Leitores.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Áurea da Silva Pereira.

INTRODUÇÃO

Em 2017, através do projeto de extensão (PROLER), tive a oportunidade de conhecer a maior biblioteca rural da América Latina que está situada no sertão da Bahia na comunidade do Paiaíá, distrito de Nova Soure. A Biblioteca se chama Maria das Neves Prado e foi idealizada pelo Sr. Geraldo Moreira Prado. Ao chegar naquele lugar houve inúmeros questionamentos sobre a história de letramento e como é a relação da escola local com a biblioteca. A cada passo que dava em meio a tantos livros e corredores extensos, com inúmeras coleções, muitos considerados cânones brasileiros, foram surgindo indagações, questionamentos e dúvidas, porém eu sabia que em apenas um dia não seria possível conhecer um local que já existe há muitos anos e que carrega muitas histórias.

Diante disso, desenvolvi a Pesquisa de Iniciação Científica em seguida construir meu Trabalho de Conclusão de Curso e, atualmente, estou desenvolvendo a pesquisa de Mestrado no Programa de pós-graduação em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia, Campus II. Vale ressaltar que em todos citados acima utilizei como objeto de pesquisa a Biblioteca do Paiaíá, como é mais conhecida. Tendo como objetivo geral conhecer possíveis projetos desenvolvidos pela Escola da comunidade do Paiaíá que são voltados para o incentivo, desenvolvimento e prática de leitura desses alunos, dialogando e em parceria com a biblioteca.

Segundo Valle (2012?)

Formar leitores competentes que gostem de ler, que leiam para estudar e adquirir conhecimentos ou para obter informações para as mais diversas finalidades é formar as bases para que as pessoas continuem a aprender durante a vida toda. (VALLE, [2012?], p. 3).

É possível perceber que a escola tem o papel de preparar e formar os estudantes para serem leitores e por meio disso alcançar experiência e conhecimento. Vale ressaltar também que por meio das práticas de leitura possibilita ao leitor múltiplas interpretações e revela possibilidades de interação entre leitor e texto.

Segundo Solé (1998)

As estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para compreensão dos textos (SOLÉ, 1998, p.70)

Portanto, ensinar as estratégias de leitura são mecanismos necessários para o crescimento de uma leitura competente. Sua atuação faz com que os alunos adquiram a compreensão e interpretação dos textos lidos de maneira individual se tornando um leitor autônomo, crítico e reflexivo. Partindo do pressuposto de que a escola tem o papel de incentivar e formar futuros leitores, formulou-se a seguinte questão problema: A Escola da Comunidade de São José do Paiaia tem influenciado os alunos a criarem o hábito de leitura e a frequentarem a biblioteca Maria das Neves Prado?

Neste artigo, serão apresentados os passos iniciais para construção dessa pesquisa, ou seja, tratarei apenas as bases teóricas utilizadas para dar sustentação inicial a pesquisa e o que os respectivos tratam das temáticas: Leitura, Formação de leitores críticos e Pesquisa de Campo, uma vez que utilizarei esse método.

CONSTRUINDO LEITORES CRÍTICOS POR MEIO DA PRÁXIS DE LEITURA

Quando falamos em leitura, parece que estamos nos referindo a algo limitado, mas por meio da leitura é possível ao sujeito leitor ter acesso a informações e conhecimento de mundo.

De acordo com Freire (2003), para que o leitor se satisfaça com a leitura é necessário que faça no primeiro momento uma leitura de maneira crítica observando e relacionando suas vivências com a leitura propriamente da palavra. Desse modo, Paulo Freire diz que a “leitura de mundo precede a leitura da palavra”. (Freire, 2003, p.11). Portanto, é necessário ler o mundo e a partir dessa leitura fazer a leitura da palavra.

Além da máxima organização das informações e conhecimentos como dito anteriormente, a leitura também tem poder de estimular a imaginação e intelecto, assim como também enriquecer o vocabulário lexical do indivíduo permitindo a articulação coerente dos mais diversos conteúdos políticos, econômicos e culturais. Porém, segundo Freire (2003), antigamente os textos oferecidos pelo educador nas salas de aula para os alunos fazerem a leitura escondiam muito mais do que revelava a realidade.

Na nossa contemporaneidade, a alfabetização é como ato de dominar e entender sendo um empenho de leitura do mundo e da palavra. “Agora já não é possível texto sem contexto” (Freire, 2003. p.30). Com isso, é fundamental agora escrever seus textos como forma de estimular os grupos populares, desde alfabetização e pós-alfabetização a fazerem leituras com o olhar voltados para áreas que proporcionarão ao leitor desenvolvimento como crítico leitor.

Porém, não é sempre que isso acontece, pois nas escolas os educadores reforçam a prática de leitura mecanizada e isso acaba distanciando o leitor em compreender e desfrutar de uma leitura que proporcionem aprendizados e sejam duradouras. Além de distanciar o sujeito leitor de perceber em qual contexto se inserem, com isso acarreta o distanciamento e preferência de leituras em

áreas diferentes das quais são impostas pela escola e pelo educador.

“Desconsiderando essa realidade, a escola corre o risco de estar preparando crianças e jovens que vão envelhecer sem crescer, caso contarem só com ela”. MARTINS (1982)

Portanto, seria contraditório continuar reforçando a teoria da importância do ato da leitura privando os alunos de leituras extracurriculares obrigando leituras que compõem o cronograma da escola. Ou seja, isso implica o desenvolvimento e avanço dos analfabetos e iletrados do país que não tem o costume de inserir em suas escritas referência do cotidiano.

Vale salientar que para transformar essa situação será necessário transformar as práticas docentes e, o mais importante, reformular o sistema econômico e sociocultural para que assim seja possível a melhoria de condições de vida da imensa maioria desfavorecida. Para Martins (1982), é fundamental que os educadores repensem sua prática profissional e passem a agir objetiva e coerentemente em face dos desequilíbrios e desafios que a realidade apresenta.

O papel do educador na intermediação do objeto lido com o leitor é cada vez mais repensado; se, da postura professoral lendo para e/ou pelo educando, ele passa a ler com, certamente ocorrerá o intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e outro. (MARTINS, 1982. p 33)

Ou seja, é necessário ampliar a noção de leitura proporcionando transformações na visão de mundo de maneira geral e na cultura. Mas para isso acontecer é fundamental se libertar de conceitos ligados a cultura e a produção escrita que geralmente são provindas do trabalho de letrados. Ressaltando que na realidade ainda são apresentadas várias manifestações culturais em que suas origens partiram justamente de camadas mais

ignorantes e que pela sua força é possível pendurar por séculos, por isso a necessidade em compreender a questão da leitura e da cultura.

O livro *Leitura literária na escola- desafios e perspectivas de um leitor*, de Maria de Fátima Berenice da Cruz (2012), faz-nos refletir sobre a possibilidade de inserir no processo de escolarização o texto literário como instrumento promotor de uma melhor compreensão sobre a realidade. Podendo o ensino ser pautado na leitura literária se afirmando como uma dinâmica de rituais que estimule o processo cognitivo auxiliando a maneira de ler e ver mundo.

Segundo a autora, a leitura é uma forma de sabedoria, comunicação, ato de pensamento, ato de conhecimento, interpretação enquanto descoberta dos sentidos duplos do texto. Ou seja, “ler é restituição de sentidos, atuando seja do ponto de vista da intenção do autor ou do leitor” (CRUZ,2012 p. 66).

No texto, a autora ainda diz que entre a leitura e escrita derivam das determinantes da leitura, ou seja, por meio da multiplicidade e trocas de leituras é possível adquirir o prazer na concepção do texto, permitindo a atividade interpretativa do mundo. Além disso, proporciona ao leitor perceber que a leitura criativa é uma consequência da escrita literária.

É preciso ler recriando o que foi lido de forma penetrativa, pois se faz necessário que todo o aluno seja criador de pensamento e não recipiente de conteúdos. (CRUZ,2012 p. 67)

Trabalhar a leitura literária na escola proporciona ao aluno ler e reescrever a sua própria leitura, uma vez que essa prática poderá ser desenvolvida de forma diária no ambiente escolar, com o objetivo de construir autonomia leitora do aluno. Para

compreendermos esse processo de construção precisamos entender o sentido e a prática da leitura na vida do indivíduo. É importante observarmos a história do leitor e a história da leitura, logo o sujeito se constrói leitor a partir da memória social de leitura.

A autora ainda aborda em seu livro as dificuldades em estudar o ensino da leitura e o perfil do leitor, pois segundo Cruz (2012, p.69): “essa tarefa causa-nos certa frustração ou talvez inquietação diante do quadro de leitura que se esboça atualmente no Brasil”. No Brasil, tivemos poucos grupos privilegiados que foram incluídos na história com a leitura, isso porque o Brasil colônia era limitado e tinha suas classes favorecidas, mas o homem do povo não tinha o direito a ter contato com a língua escrita.

No século XVI e XVII poucos tinham acesso à leitura, no século atual tivemos um avanço, mas ainda existem pessoas que têm pouco contato com o livro. Aos que têm acesso à leitura de acordo com Cruz (2012 p.71): “precisa ter consciência de que o conhecimento adquirido no percurso humano só adquire sua plenitude se ele tiver sentido e se conseguir se transformar em sabedoria”.

“A leitura ganha sentido para o leitor quando ele se percebe nela inscrito, quando encontra no texto o seu lugar de identificação”. (CRUZ, 2012 p. 71)

Podemos entender esse lugar de identificação como aquilo que se constrói na memória do leitor e que permite se expressar através da fala, do mundo interior de cada indivíduo e a também da vontade em estar com o texto. Então, a leitura não se constitui de maneira isolada, na escola, ela deve estar estruturada nas práticas de produção e análise dos textos.

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: MEDIADORA DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO LEITOR

O lar, a escola e a biblioteca são lugares ideais para o estímulo à prática de leitura no cotidiano das pessoas. A biblioteca comunitária é um espaço utilizado para guardar os livros, conservá-los e é um ambiente ideal para leituras. São ambientes que contribuem no processo de inclusão social da sociedade, sendo considerado um território de memórias. Desempenhando um papel fundamental de incentivo à leitura, educação, compartilhando informações e desenvolvimento social.

Para serem consideradas bibliotecas comunitárias, é preciso que seja um espaço aberto para a participação e inclusão democrática de todos, sendo os livros usados como instrumentos de leituras trazendo prazer e satisfação para seus usuários, além de ter como objetivo libertar a mente humana. Essas bibliotecas comunitárias surgem em comunidades periféricas ou em zonas rurais, surge a ideia de construir uma biblioteca comunitária a partir de indivíduos que unem seus esforços para abrir voz ao público, ou seja, mobilizam e formam mediadores de leitura ampliando assim o acesso e contato com informação e conhecimento.

“A biblioteca pública aqui é pensada como uma incubadora da democracia, ou seja, um espaço de fomento à cultura do debate, da produção e troca de informação e conhecimento” (MACHADO, 2016 p.88).

Dessa forma, a biblioteca é aberta a todos e deve estar disposta para atender as diferentes demandas de informações e leitura da comunidade, ou seja, a busca por alguma informação de uma dona de casa é tão importante quanto a de pessoas que

buscam na biblioteca a possibilidade de aprimorar seus conhecimentos para obter conquistas.

Segundo Machado (2016), os municípios não têm investido em bibliotecas públicas e essa falta de visão por parte das autoridades tem resultado em depósitos de livros desatualizados. Com isso, a sociedade busca outros caminhos que possibilitem ampliar o conhecimento de suas crianças, jovens e adultos, podemos citar como um desses caminhos a Biblioteca Maria da Neves Prado. A construção de bibliotecas comunitárias tem evidenciado o grande interesse da população pelo livro e leitura e também pela necessidade das bibliotecas públicas. Mas uma biblioteca comunitária não pode permanecer estática e sem avanço, precisa ser atualizada para que venha a render bons resultados.

De acordo com Prado (2016), as bibliotecas comunitárias no Brasil são um fenômeno relativamente novo, pois eram desconhecidas que só vieram a virar um mediador do conhecimento muito recente, ou seja, depois da ditadura militar. Todavia, seu conhecimento só começa a acontecer nessas duas últimas décadas do século atual. É um fenômeno muito novo na cultura brasileira, não apenas no meio rural, mas também nos grandes centros urbanos do país. Esse movimento de criação de bibliotecas comunitárias nasceu e cresceu lentamente, tanto que no meio universitário era um assunto totalmente ignorado, mesmo nos cursos de Biblioteconomia e similares.

Mas neste século XXI existem muitas informações sobre bibliotecas comunitárias, inclusive inúmeros eventos destacando a importância da leitura com crianças e adultos, representando de maneira bem ilustrativa. Na internet também tem vários sites e blogs que tratam das bibliotecas comunitárias tendo como objetivo

evidenciar a importância desse tipo de iniciativa que dinamizam a leitura no país.

A escola tem grande responsabilidade com o desenvolvimento e incentiva a leitura dos alunos. Alguns livros apresentados pela escola dividem opiniões entre a turma, pois nem sempre agrada a todos. Mas o que gostaria de tratar é sobre o perigo da leitura obrigatória na escola. Isso pode ser a causa do grande abandono ao livro quando saem da escola, pois ela não criou vínculo entre o livro e o leitor por conta da obrigatoriedade do ensino.

“A leitura não se tornou um hábito nem um prazer para uma grande parcela da população brasileira. Não é por acaso que volta e meia ouvimos alguém dizendo que agora que saiu da escola não precisa mais ler. Triste realidade.” (TRAVANCAS, 2016. p 159)

Diante disso, percebemos que se a escola não tiver em alerta com aquilo que é transmitido para os alunos e ao desejo de leitura dos estudantes, as leituras obrigatórias não serão suficientes para os alunos terem a prática de leitura como base para sua construção como indivíduo, sendo que o caminho que a escola segue não direciona os alunos a lerem de forma persistente, infelizmente leva a didática das instituições educacionais leva a diminuição da leitura. Então a escola cria um estranhamento e em certos períodos a cobrança da escola causa bloqueio nos jovens e não conseguem fazer uma leitura mais pessoal. Enquanto o dever deveria ser de influenciar na construção de um leitor crítico e literário.

OS REFLEXOS DA PESQUISA DE CAMPO

Nos grandes centros universitários desde tempos antigos e ainda na nossa contemporaneidade é utilizado por muitos

pesquisadores em seus trabalhos acadêmicos e científicos a pesquisa de campo como forma de investigação mais difundida. A pesquisa de campo pode vir acompanhada e ser somada com outros procedimentos, como por exemplo a entrevista narrativa uma vez que a pesquisa de campo possibilita ao pesquisador realizar coletas de dados junto a pessoas e a comunidade. Dessa forma, faz-se necessário para obter uma pesquisa mais completa agregar e coletar dados, uma vez que a pesquisa de campo tem a finalidade de observar fatos e fenômenos da maneira como ocorrem na realidade.

Por tudo isso, o trabalho de campo exige a interação com a comunidade e a disponibilidade para o contato com o outro. Exige, sobretudo, a compreensão do funcionamento desse universo popular e suas formas de auto-organização. (COSTA, X-XI, p.3)

Portanto, a pesquisa de campo é um meio que viabiliza o pesquisador viver e sentir a realidade de um espaço e lugar, com isso é possível a construção do conhecimento e informação. Portanto, a pesquisa de campo busca compreender os diferentes aspectos de uma determinada realidade. Nesse processo, o pesquisador vai obter dados reais, analisá-los e apresentá-los da maneira a qual foi coletado, sem nenhum tipo de variação ou modificação. Tendo como base a entrevista narrativa por pessoas e, ou grupo, que irão colaborar e trazer sustentabilidade à pesquisa.

A entrevista narrativa traz histórias do vivido que se constitui em um material importante para construção da pesquisa. Posso nomear como vantagem primordial que a entrevista narrativa permite ao entrevistado a preservação dos sujeitos e suas práticas de terem seus sentidos adulterados. Basicamente a entrevista narrativa é um meio utilizado para coletar dados que se façam necessários para responder uma possível questão problema da

pesquisa com esse tipo de pesquisa o indivíduo apresenta algum acontecimento importante de sua vida e do seu contexto social de origem ou até mesmo de uma área a qual tenha conhecimento, experiência ou embasamento para falar.

No texto “Edição de textos orais: por que publicar? Como editar?” de Edil Silva Costa (2017), a autora aborda a importância da pesquisa de campo em oralidade e o que a pesquisa de campo proporciona ao pesquisador. É ressaltado também que em pesquisa acadêmica vai além da coleta de dados, pois inclui a transcrição, adaptação e publicação de textos, seja ele impresso ou digital. O texto vai tratar de outras questões como o que é feito com os registros de pesquisas orais no Brasil e a divulgação desses resultados.

O artigo também descreve as experiências com as obras *Histórias do Fundo do Baú*, *Contos e Causos da Bahia* e *Coleção Bocapiu*. Mas onde quero fazer uma pequena discussão é no tópico “Critérios norteadores para a coleta, transcrição e edição”. Neste tópico, a autora relata que o trabalho de campo é um passo muito importante para o estudo das tradições orais, pois permite o contato direto com a fonte e não é diferente no caso da minha pesquisa uma vez que será de suma importância para fundamentar e trazer veracidade as informações a pesquisa de campo na comunidade, pois será possível vivenciar e observar o contato e relação da escola com a biblioteca.

Costa (2017) traz uma sequência de atividades para que o texto seja preservado, que são por meio da gravação, transcrição e digitalização, dessa forma todo o material é conservado. Em texto, a autora retrata ser uma etapa e processo difícil, pois é importante e necessário organizar todos os dados e materiais para

proporcionar aos pesquisadores interessados e deixar a disposição da comunidade.

Transcrito, adaptado, editado, vem a público invadindo o mundo das letras, rompendo espaços de privilégios e limitações, para ampliá-los e ter também ampliado seu próprio espaço e possibilidades de trânsito. (COSTA, 2017, p.28-29.)

Para dar maior sustentação e complementar essa citação ainda, é exposto lugares em que o texto oral tem circulado: nos cinemas, nas redes sociais, na televisão e na internet. Portanto, para propagação da tradição oral existem algumas possibilidades de divulgação desses textos.

Para encerrar esse tópico, trarei orientações segundo Costa (2017) no que tange a não interferência do pesquisador no processo de coleta de dados, entrevistas e afins. Nos textos de discurso cultural de uma comunidade deve-se manter a fidelidade ao que foi dito, ainda mais quando for se tratando da transcrição para arquivos, pois o texto será fonte de pesquisa para outros pesquisadores. Então, tudo que acontecer neste período de construção da pesquisa como por exemplo as pausas, os esquecimentos, hesitações e tropeços tudo isso deve ser mantido e marcado no processo de transcrição.

As narrativas podem ser construções coletivas e tudo isso deve ser de algum modo assinalado por quem transcreve, afinal, trata-se de um dado importantíssimo para quem analisa o texto. (COSTA, 2017, p.30)

Portanto, o transcritor precisa ser e está sensível e ter conhecimento no que tange ao saber narrativo para que saiba identificar as aproximações entre a letra e a voz. Então é importante estarmos atentos na transcrição dos dados aos diversos sons que inicialmente pode não ter nenhum significado ou sentido,

mas que podem expressar o que nenhuma palavra propriamente dita é capaz de externar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, por meio deste estudo, percebemos que a leitura vai além do texto propriamente dito e se inicia antes do contato com ele. Com a prática de leitura o leitor passa a ocupar um lugar de atuante deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo como normalmente as escolas com suas metodologia e cronogramas. Quando um leitor se constitui permanente o seu contexto geral que ele atua e as pessoas com quem convive passam a ter influência e contribuir com seu desenvolvimento com a leitura. Isso acontece porque passa a ter sentido o espaço em que vive, com isso a noção é ampliada e o leitor não fica mais restrito ao que está escrito, mas é proporcionado perceber e entender diferentes linguagens.

Já entendemos o papel da escola na prática de leitura dos alunos, mas é importante ressaltar a dificuldade em que a mesma enfrenta nessa prática sozinha, por isso o ideal seria trabalhar juntamente com uma biblioteca, dialogando e desenvolvendo projetos de leitura, mas isso também compete aos governantes, pois precisam colocar a leitura como prioridade para desenvolvimento dos sujeitos leitores, precisam entender também que “a informação e o conhecimento são componentes prioritários para a qualidade de vida de suas comunidades, e investir efetivamente nesse tipo de equipamento cultural”. (MARTINS, 1982. p 96)

Deve-se trabalhar para fazer das nossas bibliotecas públicas e comunitárias espaços ativos de leitura, de acesso à informação, de aproximação e de transformação social.

Compreendemos também a importância e o objetivo da pesquisa de campo, sendo um dos principais que dar a possibilidade do pesquisador vivenciar experiências que outrora estava distante de sua realidade e do seu convívio natural, então o pesquisador vive e sente a realidade do outro. Com isso a coleta de dados, análise e resultados ficam mais sustentados, pois o autor e pesquisador expõe com clareza e veracidade todos os fatos que ele mesmo vivenciou, ou seja, permite que o pesquisador tenha o contato direto com a fonte e não é diferente no caso da minha pesquisa uma vez que será de suma importância para fundamentar e trazer veracidade as informações que desenvolverei na comunidade de São José do Paiaí. Por meio de textos abordados no decorrer desse artigo compreendemos e aprendemos métodos para desenvolver uma pesquisa que irá trazer inquietações e reflexões para os leitores e para comunidade pesquisada e com isso obter uma bons resultados.

REFERÊNCIAS

COSTA, Edil Silva. Edição de textos orais: por que publicar? Como editar? Londrina: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, 2017.

COSTA, Edil Silva. Arquivos de pobre: Considerações sobre culturas populares, memórias e narrativas. In: SANTOS, Osmar Moreira dos (org.). *Arquivos, testemunhos e pobreza no Brasil*. Salvador: EDUNEB, 2016, pp. 51-62.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor*. Salvador: Editora EDUNEB, 2012.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Questões da Nossa Época; 22).

MACHADO, Elisa Campos. O papel das bibliotecas públicas e comunitárias para o incentivo à leitura e para inclusão social e cultural nos pequenos municípios brasileiros. In: *Livro, leitura e inclusão social no sertão baiano*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* Rio Grande do Sul: Editora Brasiliense 1982.

PRADO, Geraldo Moreira. Leitura: um compromisso social em expansão. In: *Livro, leitura e inclusão social no sertão baiano*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TRAVANCAS, Isabel. Ler é chato? O que pensam sobre a leitura os adolescentes do Rio de Janeiro e de Barcelona. In: *Livro, leitura e inclusão social no sertão baiano*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016.

VALLE, Maria de Jesus Ornelas. "A formação do leitor competente: Estratégias de leitura". Altônia, PR. 2012?.